

## **“V de vingança” e a literatura no ensino da história quadrinizada**

**Mônica Rodrigues Suminami** (Mestre em Educação/UEMS)

**Tânia Regina Zimmermann** (Doutora em História/UEMS)

**Talles M. Alves Bispo** (Graduando em História/UEMS)

### **Resumo**

Este artigo sobre a obra “V de Vingança”, de Alan Moore e David Lloyd tem por finalidade evidenciar a possibilidade do uso da literatura quadrinizada no ensino de história para desvelar um contexto histórico dos anos de 1980 na Inglaterra neoliberal, cujo personagem principal, “V” se volta contra a opressão de um regime fascista de uma Inglaterra distópica. Sob o governo de Margareth Thatcher, os quadrinhos focam nos efeitos do neoliberalismo implantado pela “dama de ferro”, as medidas econômicas eivadas por uma onda de conservadorismo, bem como o culto ao individualismo, à competição e o desprezo pela solidariedade e o coletivismo. Igualmente, a obra fornece arcabouços para discutir a complexidade emergente da narrativa numa trama emaranhada de acontecimentos que muda o próprio universo do leitor bem como abre centelhas de esperança contra uma cultura histórica que privilegia o negativo no ensino de história.

**Palavras-chave:** História; Quadrinhos; Literatura.

### **Abstract**

This article on "V for Vendetta" by Alan Moore and David Lloyd aims to highlight the possibility of using comics literature in history teaching to unveil a historical context of the 1980s the neoliberal England whose main character, V turns against the oppression of a fascist regime in a dystopian England. Under the government of Margaret Thatcher, the comics focus on the neoliberal effects deployed by the "Iron Lady", the economic measures beset by a wave of conservatism, and the cult of individualism, competition and contempt for solidarity and collectivism. Also, the work

provides frameworks to discuss the emerging complexity of the narrative in a tangled web of events that changes the universe itself the reader as well opens hope of sparks against a culture that emphasizes the negative history of teacher history.

**Keywords:** History; Comics; Literature.

## Introdução

Uma história compartimentada em quadros, com ilustrações ou gravuras, pode criar uma visão errônea de que a narrativa enraizada na obra de Moore e Lloyd não possa servir para fomentar uma discussão histórica do século XX. A observância de pequenos fatos que o personagem “V” demonstra, a exemplo dos diálogos poéticos que mantém, e a grande narrativa que acende uma discussão de que o Estado não pode sobrepujar vontades imanescentes de ser livre, tanto na vontade de ir e vir, quanto na consciência individual.

Se de um lado o quadrinho apresenta elementos que possam levar o leitor a dedução das situações ventiladas, por outro lado tais deduções não são tão perceptíveis assim (FERRO, 1983, 1989). A evidência de quadros sucessivos pelos desenhos, redirecionando-os a uma narrativa gráfica, reconta uma história que não se pode duvidar. A incerteza, para Umberto Eco (2003), por exemplo, se nega como convite para interpretações, sejam elas das mais variadas possíveis. Contudo, nada é certo numa narrativa, nem mesmo quando é contada por desenhos, até porque as obras literárias nos convidam a exercer uma liberdade de interpretação muito particularizada. Como então tecer a relação com a interpretação histórica e com o ensino de história?

Ao alargar as tratativas sobre as fontes históricas ganhamos as páginas dos quadrinhos e delas podemos agora ampliar as análises em torno de sensibilidades, de utopias, de vivências pessoais e coletivas que dificilmente de outro modo nos chegaria a compreensão histórica. Quando a obra é ficcionada Roger Chartier (1990) nos alenta que o seu entendimento perpassa a construção discursiva. Esta construção

pressupõe um sistema de representação<sup>1</sup> nos quais se pode observar vários códigos como os temas, regras, meios de circulação, interesses institucionais, etc. Uma abordagem a partir destas observações consistiria em analisar o discurso, pois a partir dele pode-se reconstruir alguns sistemas de representação como os que aqui propusemos em relação ao quadrinho de Moore.

Além das elucubrações de Chartier, Joan Scott arrazoa que o “(...) discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. (...)” (1998, p. 115). Isto nos indica que o discurso é também um instrumento de orientação do mundo, ou seja, vivemos permeados pela linguagem, ou seja as palavras assim como os atos e artefatos nos dizem alguma coisa. Nesse sentido, as práticas discursivas se fazem por meio da produção de significados. Destarte, as falas e imagens dos quadrinhos estão permeadas por esta noção de discurso.

Nas pesquisas que atribuem significados as narrativas literárias tivemos alguns embates e Durval Muniz Albuquerque Junior analisa as distâncias entre a História e a Literatura no ocidente em relação ao gênero discursivo historiográfico:

A História seria o discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A Literatura estaria mais identificada com as paixões, com a sensibilidade, com a dimensão poética e subjetiva da existência com a prevalência do intuitivo, do epifânico. Só com a Literatura ainda se pode chorar. A História masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para a rua ver o que se passa; a Literatura ficaria em casa, perscrutando a vida íntima, o mundo interior, femininamente preocupando -se com a alma. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 49)

Porém, justamente essa aproximação entre a História e Literatura oferece aos historiadores uma parceria inventiva sobre aspectos de nosso passado. Para Durval

---

<sup>1</sup> Conhecimento elaborado e partilhado com objetivos práticos que contribuem para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001) e quando hegemônicos produzem a ideia de que existem comportamentos e grupos que devem ser repudiados e práticas que devem ser condenadas.

Muniz, não é preciso temer a narrativa literária, e sim trilhar por novas discussões com ela (2007).

Kramer reforça essa relação com a história ao afirmar que a literatura nos possibilita“(...) formas alternativas de conhecer e descrever o mundo e usa a linguagem imaginativamente para representar as ambíguas e imbricantes categorias da vida, do pensamento, das palavras e da experiência”. (1992, p. 158) Destarte, a obra literária exprime imaginários e subjetividades de uma época, que não podem ser ignoradas pelos historiadores.

Os estudos relativos às subjetividades trazem em si uma perspectiva histórica pautada por valores éticos, os quais são recentes e pouco visibilizados. Ao focar nos estudos deste tipo de literatura em quadrinhos pululam experiências históricas que podem fortalecer a construção de outros olhares históricos. Igualmente, muitos dos estudos críticos tendem ou tenderam a denunciar as formas da opressão existentes no passado e no presente, deixando, porém, de enfatizar a importância das inventividades, dos pormenores, dos sopros de existência. Foucault nesse sentido considera:

Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procurasse julgar, mas que procurasse fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma ideia. Ela acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e tentaria apreender o voo da espuma para semeá-la. Ela multiplicaria não os julgamentos, mas os sinais da existência, ela os provocaria, os tiraria de seu sono. Às vezes, ela os inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela não seria soberana, mas vestida de vermelho. Ela traria a fulguração das tempestades possíveis (FOUCAULT, 2013, p. 302).

Nesse sentido, o texto literário dá vida, faz existir e traz configurações que contornam e conformam o objeto sem esquadrinhamentos conceituais. Também abre portas de entrada para novos acontecimentos interpelados pelas subjetividades. O discurso narrativo do personagem “V” também analisado neste artigo nos mune de um olhar atento ao breve, ao minúsculo e aquilo que é sensível as singularidades da experiência positiva e das diferenças humanas.

Ao problematizar as subjetividades para além dos estudos psicológicos e ou psicanalíticos questionamos as práticas por meio das quais os indivíduos se constituem em relação aos códigos morais, crenças, valores, disposições éticas, emoções e diferentes sentimentos. Nesse sentido é novamente Foucault que observa que a subjetividade é fruto de vários elementos sociais e assumida e vivida pelos indivíduos em suas existências particulares.

Na obra “Microfísica do Poder”, Michel Foucault (1984) aponta que a subjetividade não está atrelada exclusivamente as configurações interiores do ser humano, mas também diretamente relacionada aos conjuntos societários. O processo formativo das subjetividades atravessa todo o meio social e passa a ser assumida e vivenciada pelos indivíduos nas minúcias do seu dia-a-dia mesmo que de forma diferenciada. Para o autor, o sujeito é constituído por diferentes campos discursivos a partir da ação do poder que intervém sobre o seu corpo.

Para Foucault, a palavra subjetividade ainda pode ser entendida como a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 236). Esse jogo de verdade é uma das características presente nas falas e ações do personagem principal de Alan Moore, o qual constrói saberes que, em num determinado momento histórico, e em seu exercício crítico, afirma a existência, aposta na liberdade e na construção de valores éticos praticados por novas subjetividades e que potencializam a vida em nossa atualidade.

Nossa análise da obra de Moore objetiva mostrar que também contamos com uma tradição histórica positiva, que busca valores éticos e libertários, porém pouco visibilizados. A tendência das produções em relação ao conhecimento histórico que tendem a denunciar as várias formas da opressão do passado, e do presente, deixam, porém, de enfatizar a importância de experiências históricas e de autores e suas obras que podem nos fortalecer no presente e, em especial, na construção de outros olhares sobre as experiências humanas.

Os regimes autoritários de Mussolini, Hitler, Stalin são bastante conhecidos nos livros didáticos e demais publicações por nossos estudantes, por que não apresentá-lhes seus críticos e críticas quer seja na história e na literatura como Alan Moore, Maria Lacerda de Moura, Emma Goldmann, Luce Fabri, entre tantas outras/os? Assim

como Marx tem grande importância na cultura ocidental, por que não por que não valorizar os pensamentos libertários e outras as experiências éticas constitutivas de nossa sociedade?

Moore é britânico e conhecido principalmente por sua produção de histórias em quadrinhos, das quais algumas foram adaptadas para o cinema como “Watchmen”, “V de Vingança” e “Do Inferno”. Foi considerado pela British Eagle Awards, por seus pares e pela crítica como um dos melhores escritores de quadrinhos da atualidade. Como parte desse reconhecimento o autor conquistou prêmios e indicações ao longo dos anos como os Prêmios Eisner (equivalente ao Prêmio Oscar no que tange à ficção científica), e também agraciado com diversas outras honrarias.

### **Nas tramas de “V de Vingança”**

Esta história em quadrinhos foi lançada no final dos anos 1980 tendo por cenário a Inglaterra neoliberal com um partido totalitarista<sup>2</sup> que comanda o país. Esse governo controlava os meios de comunicação, a polícia secreta e tinha um campo de concentração. É neste contexto a figura de “V”, cujas vestes reportavam a Guy Fawkes<sup>3</sup>, inicia várias ações como o assassinato de altos escalões e atentados, deixando o governo em desespero. Nos quadrinhos reproduz-se a corrupção dos governantes em detalhes. Um deles era sádico e alcoólatra e batia em sua mulher, que por vezes apreciava as sessões de pancada. Outro era submisso a uma mulher dominadora, infiel e cruel. O locutor principal de uma emissora de rádio colecionava bonecas e o bispo encomendava meninas para suas sessões de pedofilia. O grande rival de “V” era viciado em drogas e o “Grande Líder” mantinha uma paixão romântica por seu computador. Todo esse quadro David Lloyd desenhou com traços sombrios, cores aguadas e personagens com os rostos preocupados e infelizes transmitindo perversão.

---

<sup>2</sup> O totalitarismo é aqui entendido como o poder que exerce dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida e também decide, em última análise, sobre o que é uma vida humana e sobre o que ela não é. (ARENDDT, 1988)

<sup>3</sup> Foi um soldado inglês que participou de uma tentativa de assassinato do rei protestante Jaime I da Inglaterra e os membros do Parlamento inglês durante uma sessão em 1605. Sua imagem acabou se tornando um símbolo de rebelião e de anarquia.

Não que “V”, um personagem que se volta contra a opressão de um regime fascista<sup>4</sup> de uma Inglaterra distópica, se concentre em si, tudo que se considere literatura, até porque toda a narrativa é um *mix* de acontecimentos que permeiam desde as questões simples que envolvem os personagens - como o mero levantar da cama pela manhã, envolto a pensamentos corriqueiros -, a situações de proporções incalculáveis, como uma revolução no coração de uma sociedade inglesa, por exemplo, ambientada numa época de vedação aos direitos civis e políticos.

Num momento, pós Segunda Guerra Mundial, em que a Inglaterra se encontrava a mercê de um governo confiscatório de liberdades individuais e que expurgava parte das necessidades humanas à segundo plano, eis que surge, nesta ambientação utópica e fascista, a figura de “V”, trajando uma máscara branca, de sorriso enigmático, beirando, poder-se-ia dizer, ao sarcasmo e que, por meio de atitudes heróicas, daquelas bem *clichês* de histórias em quadrinhos, no qual o *Superman* salva a jornalista, Lois Lane, das garras de um acontecimento catastrófico na Terra, sonha em salvar a Inglaterra de todas as iniquidades de um governo totalitarista e arbitrário.

A recordação da obra *1984* de George Orwell segue o raciocínio como um fluxo de consciência fazendo lembrar a figura de um Estado opressor, baseado na vigilância ininterrupta das pessoas, a ambivalente figura do “grande irmão zelando por ti”, soa redundante quando se volta os olhares na narrativa vivenciada por “V”, na obra de Alan Moore, já que ao mesmo tempo em que o Estado “cuida” das pessoas, por meio de câmeras de vigilância os monitorando ininterruptamente, ele reprime vontades inatas de liberdade, desejos recônditos de se sentir agraciado de estar sendo cuidado, mas não violado.

Já permeando nessas situações autoritárias do Estado como parte de um enredo principal, que consiste neste emaranhado de elementos conflitantes de ordem política e social, não se pode deixar de lado a própria ambientação pessoal de “V”, até porque a sua história, ou melhor, a sua vida em torno desta luta em busca de um

---

<sup>4</sup> O fascismo é compreendido como um sistema autoritário de dominação caracterizado pela monopolização da representação política, é antioperário, exalta o chefe e a coletividade nacional. (BOBBIO, 2004; HOBSBAWM, 1995 e PAXTON, 2007)

descanso apaziguador para a Inglaterra das atrocidades do governo em vedar as liberdades civis, é a sua própria história.

É bem verdade, quando Umberto Eco afirma que a literatura consiste num bem imaterial, naquela consciência livre e desapegada do “V” em ter serventia somente para ele. Os objetos culturais que coleciona, como quadros, as poesias que recita ou, até mesmo, as músicas que ouve são puramente suas. Não há uma necessidade de utilizar tais elementos como um aporte para um acontecimento revolucionário. Suas coleções traduzem, primariamente, numa sensação de fuga daquela realidade ceifadora de direitos, onde até mesmo a cultura é retirada dolorosamente de si, tornando a pessoa um objeto que deve, tão-somente, obediência ao Estado.

Ora, evidenciando as conversas de “V” com os comparsas do governo inglês, quando o mesmo aparece num beco de uma das ruas de Londres salvando uma moça de ser morta por querer se prostituir, há uma sucessão de quadros em que “V” recita *Macbeth*, de autoria de Shakespeare, ao mesmo tempo em que, matando um dos comparsas, a salva. Passagens como “...de vilanias tão cumulado pela natureza...”, “a fortuna sorria-lhe à diabólica empreitada como rameira de soldado”, “tudo de balde, pois Macbeth (merece o nome)...”, “zombando da fortuna e com a brandida espada...”, “...fumegante da sangrenta carnificina...”, “...abre passagem como o favorito do valor...”, “...e enfrenta o miserável”, “sei lhe dar bons dias...”, “descose-o de um só golpe” são proferidas no momento do embate, nessa ordem, numa continuidade de quadros, onde os desenhos retratam as ações de “V” e a poética proferida são esmiuçadas quadro a quadro, demonstrando suas ações desde a sua aparição para salvaguardar a moça até ao desaparecimento deles. A interpretação da poética remete incrivelmente as suas ações, tanto é verossímil a afirmação que se não existissem os desenhos, é possível saber o andamento da narrativa, por pura interpretação textual (MOORE; LLOYD, 2012, p.13-14 ).

Então, mesmo que a revolução contra o governo tirano não esteja, embrionariamente, relacionada com as coleções acima que o personagem “V” mantém para si, ela está, em sua maneira, assimilada como “uma história que se mantém apesar das dificuldades”, “algo que não se quer perder”, ou, até mesmo, “uma válvula de escape de toda aquela opressão”. Sendo assim, suas coleções representam uma história, não componente de uma narrativa primária, mas



compartimentadas em seu “eu”, em sua “vida” e a literatura é sugestiva a este elemento particular, se tornando uma ramificação para se possibilitar o seu crescimento na sua história.

### **Ensino de história e a linguagem quadrinizada**

Estas histórias em quadrinhos inserem-se nas novas tendências do ensino e pesquisa, ou seja, em outras possibilidades de se narrar e resgatar uma história cujos fatos históricos vividos pelos personagens e adquirem outros contornos, olhares e inclusive causas pelas quais lutar. Neste sentido, Cerri e Bonifácio apontam:

As palavras e tramas passam a capturar a atenção e a identificação do leitor para com o enredo, com o roteiro. Entender a linguagem dos quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa. (...) Inserir um pouco de bom humor, de leitura-prazer, de ficção, de imaginação, são horizontes a serem ainda muito explorados no espaço escolar. (...) De todo modo, uma sociedade caracterizada pela grande presença das mídias e linguagens, possibilita e exige de todo educador e de todo professor de História – uma tomada de postura: de ir além dos limites que já nos foram dados. [...] (2006, p. 3452).

Ainda de acordo com Cerri, Bonifácio e Eisner (1989), as histórias em quadrinhos caracterizam-se pelo uso de dois elementos comunicacionais, ou seja, a imagem e a escrita e possuem também as seguintes características:

Ao limitar e congelar uma ação que, na realidade, é ininterrupta, o artista exercita a habilidade de narrar uma história com vários segmentos que, somados, fornecem uma estrutura narrativa completa. Desse modo, podemos inferir que os quadrinhos constituem uma linguagem, sobretudo interativa, pois precisa capturar e conduzir a atenção do leitor, fazendo com que o autor imprima e dite as regras da seqüência narrativa. Além desses aspectos, há outros elementos referentes à linguagem dos quadrinhos, como o uso de balões e onomatopéias. Ao tomarmos a escrita como foco de análise, podemos afirmar que um recurso fundamental e marca registrada dos quadrinhos é o uso dos balões,

que vêm a caracterizar a presença das emoções, pensamentos e diálogos nas histórias. (2006, p. 3446)

“V de Vingança” configura-se numa nova possibilidade de ensino de História Contemporânea, sobretudo daquela história posta no esquecimento ou com versão única e uma aceitação passiva do instituído. Os inúmeros recursos visuais e a construção da linguagem dão novos contornos as experiências daqueles que viveram o contexto inglês e delinea outras causas pelas quais se poderia lutar. Sobre esta questão, Cerri e Bonifácio observam:

Entender a linguagem dos quadrinhos, compará-los com outras linguagens, lê-los também de forma prazerosa, produzi-los em sala de aula, individual ou coletivamente, são apenas algumas das inúmeras possibilidades a serem utilizadas pelo professor de História. Inserir um pouco de bom humor, de leitura-prazer, de ficção, de imaginação, são horizontes a serem ainda muito explorados no espaço escolar. A maioria das respostas ainda não está definida; o caminho a ser trilhado é pleno de desafios. De todo modo, uma sociedade caracterizada pela grande presença das mídias e linguagens, possibilita e exige de todo educador – e de todo professor de História – uma tomada de postura: de ir além dos limites que já nos foram dados, e descobrir novas fronteiras e perspectivas de ação pedagógica. (p. 3452 )

A reflexão sobre o uso de inúmeras linguagens no ensino de história e, especialmente, os HQs e sua discussão teórica e metodológica em relação ao processo formativo de professores remetem a inserção de situações desafiadoras em sala de aula. Temos assim, um borbulhar de questões de cunho pedagógico em torno do ensino de História em contexto de mudanças rápidas em relação aos meios de comunicação.

Nos apoiamos em Fonseca (2003) quanto a defesa da necessidade de uma reflexão permanente sobre as mudanças cotidianas e a inserção de novas linguagens no ensino de História:

(...) ensinar e aprender história requer de nós, professores de história, a retomada de uma velha questão: o papel formativo do ensino de história. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da história,

ou seja, a história como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. Requer assumir o ofício de professor de história como uma forma de luta política e cultural. A relação ensino-aprendizagem deve ser um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre as diferenças culturais e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história, a arte e a vida. (FONSECA, 2003, p. 37)

Vale lembrar que a função formadora da Universidade não se concretiza de uma só vez, sendo um processo contínuo, que não se produz apenas no interior de um grupo, sendo resultado de condições históricas. A formação de profissionais como pessoas e cidadãos é uma das tarefas complexas a ser desenvolvida pelas Universidades, mas não como obstáculo, e sim como desafio. Se parece importante os profissionais terem consciência dos problemas sociais em seu entorno, também é importante proporem alternativas para a o ensino de história.

Neste sentido, “V de Vingança” é um publicação diferenciada porque aborda um período recente da história da humanidade com reflexos globais, cujas tramas de “V” passam a capturar a atenção e aos poucos a empatia dos leitores para com o enredo e o roteiro.

Mesmo que Umberto Eco (2003) aduza que há interpretações fixas que devem ser relevantes e que, se tratadas de outra forma, não conseguiriam o respeito necessário por parte de outros leitores, inclusive, para serem repassadas a outras gerações, como no caso dos contos de Chapeuzinho Vermelho e companhia, o fato é que as motivações que permeiam o personagem “V” para o embate contra um governo totalitário não podem ser interpretadas de outra forma, neste encaixo é permitido raciocinar desta maneira. No momento emblemático em que “V” invade uma emissora de TV e passa a discursar com milhões de expectadores dizendo que cabe as pessoas elegerem seus representantes e, devido a isso, são diretamente responsáveis por suas escolhas, demonstra uma narrativa pautada numa singularidade de interpretação:

[...] nós tivemos uma sucessão de malversadores, larápios e lunáticos tomando um sem-número de decisões catastróficas. Isso é inegável. Mas **quem** os elegeu? Você! Você indicou essas pessoas, você deu a elas o poder para tomarem decisões em seu lugar! Claro que qualquer um está sujeito a se equivocar, mas cometer os mesmos erros fatais, século após século, parece uma atitude **deliberada**. **Você** encorajou esses incompetentes, que transformaram sua vida profissional num inferno. Aceitou suas ordens insensatas sem questionar. Sempre permitiu que enchessem sem espaço de trabalho com máquinas perigosas. Você podia ter detido essa gente. Bastava dizer '**não**'. Você não teve orgulho próprio. Perdeu o valor que tinha na companhia. No entanto, eu serei generoso. Você terá **dois anos** para aprimorar seu trabalho. Se, ao fim desse período, não apresentar resultados satisfatórios...será cortado [...] (MOORE; LLOYD, 2012, p. 118-120, **negrito do autor**).

No mesmo enlace que a literatura permite ao leitor estabelecer uma ponte entre “o que se lê e o que se entende”, é possível que o personagem se torne canônico, que seja lembrado dos feitos e glórias que foram realizados no decorrer da narrativa. Obviamente que o personagem “V” transpassa barreiras dos próprios acontecimentos ao ponto de ser utilizado como ícone representativo de uma subversão que, atualmente, pode ser sentida pelo grupo *anonymous*, demonstrando o conceito de liberdade de expressão, por intermédio de ações cibernéticas, sob a alcunha de *hackers*, cujo objetivo se volta em extrair informações de governos e grandes corporações empresariais, na medida em que mostra a fragilidade do sistema em manter sigilo destas informações, bem como é perceptível que a instituição estatal é vista como transgressora de direitos e que, a par disso, deve ser combatida ferozmente.

A narrativa é tão, veementemente contada, que transpassa as barreiras de um quadrinho e passa a ser palco de manifestações fora dele. O mundo da literatura é um espaço único entremeado por culturas e linguagens diversas. De certa forma, a manifestação do grupo *anonymous* foi crescente, ao ponto de tomar proporções televisivas ao redor do globo, fazendo com que ocorresse uma criação de uma memória coletiva que, a princípio, foi compartilhada com àqueles que almejavam tais atitudes como modelos de vida.

Havendo a migração do personagem “V” ao mundo considerado “real”, há uma tendência em acreditar que o mundo regido pelas criações literárias seja palco, continuamente, de referências para a própria vida. Num mundo fictício no qual o personagem central demonstra incredulidade perante o avanço da desordem ética para com seu semelhante, no qual não há responsabilidade para atos eivados da corrupção ou da malevolência alheia, haverá o respaldo de pessoas que, até então, são leitoras ávidas e que sentem, conjuntamente, o drama sofrido pelos personagens responsáveis em mudar, de forma positiva, os destinos da humanidade. É a literatura servindo como norteadora nos atos praticados fora dela.

### **Considerações Finais**

A história em quadrinhos é um campo novo, ricamente vasto, cujo emaranhado de tramas, sejam primárias ou secundárias, desembocam num clímax, típico de um romance, de um conto ou, até mesmo, de uma crônica. Por fazer parte de um universo que tem força de modificar, inclusive, o universo do leitor apostando na liberdade e na construção de valores éticos praticados por novas subjetividades que potencializam a vida em nossa contemporaneidade.

É possível enxergar narrativas mais complexas nas atitudes de “V”, quando a sua luta contra um Estado totalitário atinge o clímax em situações que, até para os direitos humanos há violação. Há como entrever uma solução, quando o leitor transporta tais problemas para a sua vida e consegue afugentar, talvez não no mais alto grau, às desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens.

A busca pelos direitos humanos, sob o qual o protagonista “V” arregança as mangas e caminha em direção ao *front* talvez não é mantida pela “barbárie”, já que, mesmo naquela época, mais precisamente na década de 1980, notadamente quando Alan Moore resolveu escrever uma crítica massiva ao fascismo, reportou-se a um universo em que imperava uma “civilização<sup>5</sup>”. Mesmo ao estilo *noir*, no que tange aos

---

<sup>5</sup> Para Elias, a civilização é entendida como a construção de controles das pulsões emocionais, físicas e costumes, sendo que o conceito ainda poderia se referir a fatos políticos, sociais e econômicos. (ELIAS, 1997, p. 89)

desenhos que sintetizam uma estética taciturna, pesarosa, se antevê o desenvolvimento de uma sociedade marcada pelo medo e opressão.

Neste sentido, a interpretação de mudanças dentro do universo vivido por “V” e as vicissitudes ocorridas no próprio desenvolvimento da narrativa condizem para o que se entende de literatura. Não cabe aqui, desenvolver critérios apriorísticos do que se entende de literatura, ou recheiar este artigo de conceituações e classificações desnecessárias, mas sim extenuar um entendimento de que as nuances de acontecimentos do que se faz permear uma obra - seja ela condicionada em quadros com desenhos ricamente coloridos -, no caso dos quadrinhos, são formas de se compreender a história, enquanto modificadora de universos coletivos e particulares bem como afirmam a existência, apostam na liberdade e na construção de valores éticos praticados por novas subjetividades que potencializam a vida em nossa atualidade (NOZICK, 1991)

Por quê? Porque pensar que os desenhos que detém diagramações, tendo o seu conteúdo recheado por ideias que contribuem para o crescimento do leitor, enquanto ser de força motriz vinculado ao desenvolvimento social, não podem ser mais do que ilustrações? Quando a literatura percorre domínios ainda considerados intocáveis pelos seus meios, faz crescer um sentimento de completude. Não que a literatura estava morta e acabada quando percorria as mesmas trilhas, pois entregá-la a um veículo diverso àquele que transportava a sua essência, não significa renegá-la a um segundo plano, mas sim vivenciá-la ainda mais, ao ponto de não se esquecer, no sentido de ser lembrada, juntamente como a data fatídica de cinco de novembro, o dia em que Londres realmente teve “uma boa noite<sup>6</sup>” (MOORE, 2012, p. 16).

### Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de Teorias da História*. São Paulo: Edusc, 2007.

---

<sup>6</sup> Consiste no grande jargão da obra “V de Vingança” de Alan Moore. Tal obra é lembrada com a frase “lembrem, lembrem, o cinco de novembro”, que seria a data inicial em que o personagem “V” atua no combate a opressão fascista em Londres.

ARENDT, Hannah. *As origens do Totalitarismo*. Tradução. Roberto Raposo. São Paulo: Ática, Brasília: UnB, 1988.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. 12 ed. Brasília: UnB, 2004.

CERRI, Luis F., BONIFÁCIO, Selma de F. *O Ensino da História e as Histórias em Quadrinhos: algumas considerações*. In: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-090-TC.pdf>

Acesso em novembro de 2015.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro : Bertrand do Brasil, 1990.

ECO, Humberto. *Sobre a Literatura*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ELIAS, Norbert. *Über den Prozeß der Zivilization*. Soziogenetische und psychogenetische Untersuchungen. Bd. 1: Wandlungen des Verhaltens in den weltlichen Oberschichten des Abendlandes. 20 Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

FERRO, Marc. *A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação*. São Paulo: IBRASA, 1983.

FERRO, Marc. *A história vigiada*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FONSECA, Selva G. A nova LDB, os PCNs e o Ensino de História. In: FONSECA, Selva G. (org.) *Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas: Papyrus, 2003, p. 29-38.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro : Edições Graal. 1984.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GROSSI, Miriam; HEILBORN, Maria Luiza e RIAL, Carmen. "Entrevista com Joan Wallach Scott". In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, CFH/CCE/UFSC, v. 6, n. 1/1998, p. 114-124.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JODELET, Denise. (org.) *As representações sociais*. Tradução, Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica. O desafio Literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p 131-173.

MOORE, Alan; Lloyd, David. *V de Vingança*. Barueri: Panini Books, 2012.

NOZICK, Robert. *Anarquia, Estado e Utopia*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara(org). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: Edufu, 2006, p. 12-21.

### **Sobre os autores**

Mônica Rodrigues Suminami, Mestre em Educação Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, UEMS. E-mail para contato: [monica\\_suminami@hotmail.com](mailto:monica_suminami@hotmail.com)

Tânia Regina Zimmermann, Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail para contato: [taniazimmermann@gmail.com](mailto:taniazimmermann@gmail.com)

Talles M. Alves Bispo, Graduando em História Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, UEMS. E-mail para contato: [thacker404@gmail.com](mailto:thacker404@gmail.com)